

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Numero avulso \$200 -- Semestre \$1000
Ano 103000 -- Pacote: 12 exemp. 23000

Toda correspondência, vales e registrados
devem ser endereçados à Caixa Postal, 195
S. Paulo - Brasil

POLITICA E QUESTÃO SOCIAL

Cada vez mais se afunda a "República Nova" na atoleira das suas ações descontroladas, em relação aos problemas sociais.

A questão social entre nós continua a ser "um caso de polícia", levada agora ao zeno de não permitir que o proletariado se agite nem mesmo em torno das chamadas "leis sociais" que o anacronístico Ministério do Trabalho fez presente ao povo laborioso, e que há 4 anos vem servindo de moeda e risota aos exploradores, que conhecendo o valor que tem as leis no Brasil não sequer se dignam tomar conhecimento delas.

Todas as casas comerciais, cafés, bares, confesarias, barberias, etc., tem afixados em lugares bem visíveis, cartazes designando o horário de trabalho.

Progrante-se porém aos respectivos empregados e operarios desses estabelecimentos se estão sendo cumpridas as disposições desses cartazes, que constituem, ao invés de uma conquista proletaria, uma afronta ao proletariado, porque assim se joga, de uma forma vergonhosa, para certos politicos, com a sua dignidade e com o seu trabalho.

As lutas do proletariado contra a tirania burguesa assumem agora, no Brasil, com a República Nova, maiores e mais graves proporções nunca. Mistificando jesuiticamente o Ministério do Trabalho trata de atirar os trabalhadores uns contra os outros com excepções na interpretação dos direitos humanos e na distribuição da justiça social. Os bandos integralistas, criação do clero, casado ao capitalismo, filho também da revolução de 30, traída e desvirtuada, andam por aí, gosando do beneplacito dos poderes publicos, no seu mister de embaixadores do movimento obrero, a serviço de castas e conveniências politicas.

A politica sempre se caracterizou por estas duas qualidades que lhe são peculiares: o uso e abuso da fraude para tornar possíveis as realizações do mando e do poder e o emprego da violencia que chega até ao assassinato para eliminar os seus adversarios.

Messalina das ambições, corteza dos interesses da burguesia e do capitalismo hoje como ontem rastejando na podridão dos seus appetites, traz no ventre a germinar, fecundado por tiranos e verdugos, o monstro da tirania.

Filha dos mesmos vícios, produto do mesmo ambiente de corrupções, não podia ser diferente a politica da República Nova, que nem chegou sequer à puberdade para se prostituir e vender.

Recordamos agora que, quando o ultimo tirano da República Velha se despedia sorridente dos seus amigos urso, disse, sarcasticamente, que deixava o lugar de sua prisão vago para o seu successor...

Talvez não se enganasse, o sr. Washington Luis.

Fruto amadurecido ao calor das fermentações podridas dessa bacante que é a politica, o revolucionarismo dos mandões que temos agora é perfeitamente igual, e até superior, porque se escondem atrás da mascara de uma hipocrisia vil, ao reacionarismo da velha matrona que se aposentou das argias governamentais!

O rumoroso caso da suspensão de "O Globo" precisamente no 2.º dia de haver sido abolida a famosa lei gorda; a deportação de militantes operarios; a violação dos direitos de greve e de reunião; a imposição de leis fascistas contra os interesses e a liberdade dos trabalhadores; a solução dos conflitos proletarios á patas de cavalos; a mobilização das forças policiaes para abafar movimentos grevistas; a perseguição á imprensa proletaria, tudo isso é mais alguma coisa que nos espera, nos diz o quanto é liberal a politica outobrista, e como sabe cumprir com as suas promessas revolucionarias.

Nós já o sabemos.

Temo-lo dito sempre.

Outros trabalhadores que ainda o não sabem, leiam-no sabendo.

Isso, porém, não altera a marcha do pensamento humano para a conquista da liberdade.

Haja vista o povo de Cuba que viveu os últimos oito meses sob o tacão de ferro de uma ditadura violenta, mas que agora, após uma revolução, não ha mais tirano capaz de o dominar.

Tornou-se insurreccional e indomável.

O sr. Mendler, que ao subir ao poder, para agradar á burguesia declarou que proibia todas as greves, recebeu como resposta a greve geral que se alastrou, que se avoluma como a consciencia da razão, e que o fará renunciar.

O povo espanhol, que se agitou em consciencia precisamente quando soffria a tirania de Primo de Rivera, ai está também, indomável, quebrando as rédeas do poder que já não representa nada e que somente se mantém pelo emprego das forças mercenarias.

E o povo brasileiro não é diferente aos outros povos.

Terão disso a prova os tiranos que pretendem escraviza-lo cada vez mais.

Podera estar adormecido a embalo de cantigas mentirosas e faceiras em que se lhe promete um mundo de coisas e brinquedos raros, mas despertará.

Fazemos estas considerações após a leitura de uma carta publicada nos "A pedidos" do "Diário da Noite" de 5 do corrente pelo sr. Aristides Lobo, relativamente aos fatos da rua Barão de Paranapiacaba, na sede da U. T. G.

A atitude desassombrosa e dignificante deste procer trozkista faz com que ainda que divergentes das suas concepções centralistas e autoritarias, extermemos a nossa admiração por essa attitude franca e digna.

O sr. Aristides Lobo termina a sua carta, depois de revelar e denunciar aos trabalhadores e ao povo em geral as manobras dos policiaes no sentido de eliminar o sr. Francisco Frola, com uma advertencia ao proletariado do Brasil, aconselhando-o a defender as suas liberdades ameaçadas pelos arruaceiros a serviço do capitalismo.

Essa advertencia deve ser tomada a sério pelos trabalhadores.

A politica anual, mais perigosa para o proletariado porque é mais traiçoeira, vai aos poucos arrancando a mascara; começa a caracterizar-se por sintomas de decadencia, começa a pisar em falso e a mostrar os dentes da sua truculencia reaccionaria.

Entramos na fase dos assaltos ao individuo e á associação; das ameaças e perseguições; dos espancamentos e prisões arbitrarías, enfim, na fase que justifica os ultimos dizeres da carta do sr. Aristides Lobo:

"Todas estas coisas eu afirmo para que o proletariado saiba, para que o povo de S. Paulo saiba que nenhuma garantia mais existe para o cidadão: o crime está legalizado, o crime é o poder.

Que cada qual trate de se defender como puder com as suas proprias forças. Contra o banditismo imperante, será licito, a partir de hoje, combater com todas as armas."

Os anarquistas

O exemplo dado ao mundo, em épocas diversas, do espirito de abnegação e de sacrificio pelos anarquistas, não autoriza ninguém a sustentar a pocha que a burguesia lhe atria de serem desordenados.

O que querem afinal os anarquistas? Vejamos:

Querem que não haja individuos, que explorem outros individuos; que a humanidade viva numa ordem social onde não haja ricos e pobres, mas, ao contrario, que todos os seres humanos gosem, igualmente, os produtos do saber, os beneficios da ciencia, a riqueza social; que não haja governos, porque os governos só têm razão de ser quando é preciso oprimir.

Dizem, quando é preciso impôr a vontade de uns sobre os outros; que não haja ladrões, porque estes são leões da sociedade que tem por base o direito de propriedade; onde, afinal, o homem sendo livre, ao lado da companheira livre, sejam livres também os sentimentos: o amor, o canto, a musica, a poesia; onde o sol, o ar, a luz, o campo e a cidade sejam livres também, e livres sejam o progresso, a ciencia, a vida!



DINAMISMO E REVOLUÇÃO

Nenhuma manifestação do passado que destrua a liberdade ferindo a nova sensibilidade dos individuos, pôde resistir ao extraordinario fenómeno da revolução. Os proprios sedimentos dos prejuizos seculares fermentam ao calor do entusiasmo revolucionario e são liquidados pela força vital da nova ordem de coisas que se gesta.

Na revolução vereis o filósofo atéu, misturado com o místico, deixar ambas as barricadas, confundir-se na luta, armas na mão e verbo de ação na lingua, animando a todos com sua presença e seus atos.

Vereis o poeta, que até então viveu e criou na abstração, pretendendo encerrar-se em quem sabe que desordenada arte poetica, correr também ao meio da batalha, porque compreenderá que só depois dessa ação encontrará beleza no mundo novo que surge.

Vereis o sábio passar por cima das suas retortas e alambiques e atirar-se impetuoso á refrega, porque compreenderá que sem o triunfo do esforço de tal ação, a sua ciência nunca poderia ser util á humanidade inteira, porque o velho sistema social limita a divulgação e tergiversa as suas consequencias.

Em revolução, o bilioso velhote, impotente para sair á rua, se transforma em terrível guerrilheiro que desde a sua janela metralha sem cessar aos vrsalhêses.

Em revolução, o pacifico mestre-escola é um Mackno.

Em revolução, o obreiro servil é clarim de rebeldia e braço de atividade revolucionaria.

Todos, enfim, novos e velhos, homens e mulheres, incultos e doutos, ativos e passivos, tomam parte na luta que os atrai á conquista de nova convivencia.

Para que a revolução consiga interressar a todos os individuos, é preciso que atropela a estabilidade da constituição economica de todos; derubem-lhe a pouca ou muita fortuna que possuam e obriga-os a tomar parte do pró ou contra a renovação que tentam os revolucionarios.

O interese de todos é a solução do grande conflito que instabiliza constantemente a sua posição, é a melhor garantia da sua intervenção decidida na luta.

"C. N. T."

CARNAVAL FESTA DOS ESCRAVOS

Segundo as mais antigas crônicas, Carnaval era a festa dos escravos.

Estes, ignorantes e submissos, que viviam maltratados, humilhados, explorados todo ano, tinham durante esses dias da sua festa, o minguido direito, ou antes licença, de fazer o que lhe chamamos "das suas".

Compreende-se facilmente o que poderiam fazer esses pobres escravos inconscientes, com tal direito, surgido como esmola, das mãos de seus senhores.

As mencionadas crônicas nos contam de orgias estupendas, de loucuras e bacanais exgotantes nas quais a embriaguez mais refinada era a nota menos indecente.

E assim tinha que ser; nunca os escravos conheceram alizez; vivendo na humilhação mais degradante, é muito natural que quando os soltassem, não culminassem noutra coisa que na mais degradante das libertinagens.

Por outra parte, os patricios de então jamais fizeram nada para redimi-los.

Não entrava nas suas ideias nem nos seus gostos isso de enaltecer ao semelhante de humilde condição.

Nem semelhantes siquer os consideravam!

E mesmo o direito ou licença para fazer "das suas" que lhes concediam por uns dias, não tinham outro objetivo mais que aquêle de proporcionar-se a si mesmos um espectáculo fúste, como aquêles brutamente cruéis dos primeiros crioulos atritados ás feras famintas nos circos romanos.

Isso nos contam do carnaval, as crônicas antigas.

E ainda que o não dissessem, ainda mesmo que não se conservasse memoria ou tradição daquelas festas, a existencia delas na actualidade nos indicam esse conceito com toda a clareza.

Efectivamente, o carnaval é uma festa de escravos. Continua sendo o que era ha alguns séculos: o sensualismo exaltado, o instinto inocente corrompido.

E' como si a uma grande manada de macacos é macacos os nutrissemos a veneno e alcohol.

O pobre remendão da esquina, que passa o ano inteiro dobrado sobre a banqueta, a boca cheia de prógas e entre o cheiro rançoso do grude e solas velhas,

O Estado

— Pode-se comparar a coação governamental a um fio negro em que tivessem sido livremente enfiadas algumas pérolas.

As pérolas são os homens, o fio negro é o Estado. Enquanto elas estiverem enfiadas, não poderão misturar-se. Pode-se corrê-las todas a uma extremidade; o fio deixará de ser visível nessa extremidade, mas se-lo-á na outra; o despotismo. Podem-se dividir as pérolas regularmente deixando intervalos entre elas: monarchia constitucional. Podem-se separar individualmente: republica. Mas, enquanto não forem retiradas do fio, enquanto não fôr quebrado, será impossível dissimulá-lo.

Enquanto existir o Estado e a violencia, não importa sob que forma, não existirá liberdade, verdadeira liberdade, tal como os homens a compreendem e tem sempre compreendido.

Leão Tolstol.

que hoje se veste de conde, com cinturão e espadim, e que se vai pavonar pelas ruas, é o representante fiel do escravo que ancoisou de ser amo, aproveitava o dia de licença para imitar em tudo a seu senhor.

Aquella moça, tão casta sempre, filha do juiz fulano ou do burguês explorador sicrano, que afivelou ao rosto uma mascara de seda, porém que com estudeada e perversa intenção deixou á vista muita carne rosada do seu colo, e agita um grande cascavel de prata e chilra a cada instante para chamar sobre ella a atenção, limita, talvez sem o saber, a Juleira escrava de ha seculos, que lá, bacante louca, corçada de pampas e a frente, os labios cheios de mel e a cabeça cheia de instintos e lícores, a saborear algumas horas os excessos em que se afundavam as grandes prostitutas ou patricias de então.

Esses que aí vão borraochos sobre um carro, empinando cervejas sobre cervejas com repugnante impudicia e gestulicações indecentes, são os mesmos serios e respeitáveis personagens de todo ano, dedicados plenamente aos seus negocios, que das folhinhas e almanacs dos seus escritórios receberam o sinal de divertir-se, ou antes de desatar-se, ou ainda melhor de degradar-se, tal e qual os escravos de outros tempos o recebiam dos seus senhores relaxados.

Assim como este, que faz uma piruetta imunda, aquêle que levanta o camisolão para mostrar uma deformidade, e o outro que levanta o peido rabo do burrito que monta, e a recatada dama do dia anterior que ri a bandeiras despegadas de uma coisa que viu e que não quer dizer, e a púdica senhorita que irá logo á igreja para que o seu deus a perdoe pela falta de haver no baile feito certas figuras desenhoadas ou no corso mostrado mais do que devia as suas pernas, nos ensinam o significado destas festas de Momo.

O culto a Baco, perfeitamente publico, o culto a Terpsicore, publico também, o culto a Venus, do qual não se fala mais que se percebe nos olhos e se pressente nas vozes guturais e nos gemidos lascivos, de uns e outras, e isto e mais tudo o que no carnaval se ouve, vê, sente e apalpa, tudo isso, enfim, nos diz que o carnaval não é uma festa artistica, de seres livres, mas grotesca, de entes desatrelados na mais hedionda degenerescencia.

Isso ontem e como hoje. Torna-se isso mais evidente quando se observa a attitude que tomam, nestas festas, os anarquistas.

Trabalhadores de uma cultura superior, não se nos verá, a nós, aos anarquistas, correr a fazer numero nos desenfrieos carnavalescos.

Não está no nosso feito moral e psicologico.

Por isso, ou porque simples espectadores estordados dessa vergonha humana, no carnaval, como da estulticia ante as turbas politicas, da barbarie ante as patriotas e da imbecillidade ante as religiosas, ou porque simplesmente os filósofos que se retiram por algumas horas a deixar que passe a loucura, para seguir depois, firmes e resolutos, na obra demolidora do passado apodrecido e na construção do futuro liberto.

E não obedecendo a nenhum sinal como nos quartéis, nem a um fingimento como na igreja, nem á palavra de ordem de qualquer mandão carnavalesco:

Somos impulsivados pelo proprio carácter, que afirma em nós um conceito superior da personalidade, proprio de toda a cultura superior.

Carnaval, carnaval, filho da escravidão, condigno á sociedade burguesa, ha cada ano mais triste, mais anémico, mais pobre.

E o que te está matando, não é a pobreza dos pobres, mas a riqueza na cultura dos povos que aspiram a ser livres, o espirito libertario, a consciencia, a luz!

FERNANDO DEL INTENTO

KARL MARX E O PODER

A intriga e a calônia caracteriza a obra de Marx

A ansia do poder e predomínio sobre os indivíduos foi vemente em seu mesmo pessoalmente. Não possuía poder político, mas abertamente procurava pôr o seu poder ideológico sobre as pessoas e agitações com as suas livres relações. Tinha conhecimento do valor que residia na sua obra socialista e, fatibavelmente, procurava realizar a sua vontade.

Podia perdurar as exigências de sua teia quando já da sua frente uma elevação socialista viva. Porém não cedia um ápice de sua doutrina na obra socialista em geral.

Assim se explicam quiza as suas relações inamistosas com todos os grandes socialistas e futuristas que seguiam caminhos próprios.

Moses Hess foi o adepto socialista utópico que havia encaminhado Engels para o movimento operário, e que fixara toda a sua vida, (e a causa socialista).

Em 1850 publicou um "Queísmo Vermelho" para o povo alemão, em que prevencia os perigos de uma revolução puramente política, incitando o povo a lutar pela "República Vermelha".

Pois não há palavras morderas e amigáveis contra Marx não tenha empregado contra Hess durante a sua vida inteira.

No "Manifesto Comunista" Marx e Engels denunciaram Hess e seus amigos como "armas nas mãos dos governos reacionários".

Do genial socialista francês Proudhon, Marx aprendeu bastante; mas considerava necessário — na política econômica — radicalizá-lo perante o proletariado.

Lassalle tratava Marx não só com o maior profundo respeito, mas ainda com o mais puro calor de camarada.

Numa carta a Marx (1852) escrevia: "Espero ao ver dos tristes golpes que te voltaram a girar".

A sorte de pouco pouca gente tem de perto o meu coração como a tua. Sentindo uma imensa simpatia por todas as grandes forças, estou considerando de longe há muito tempo, com pena e tristeza, como as tuas forças se estão quebrando na luta incessante com a necessidade.

Exatamente nas lutas com as "necessidades" e que se movia com maior intensidade o pensamento, mas que só os grandes golpes trágicos que mobilizam a vida toda a força que dormita na sua alma.

Não conheço nenhuma outra pessoa, escreve Lassalle a Engels em 1859, de quem desconfio com maior prestiza separar-me como de Marx.

Mas Lassalle tinha personalidade própria e podia seguir os caminhos próprios, e Marx radicalizava e perseguia este criador do movimento operário alemão, tanto quanto podia.

Depois de haver recebido uma visita, algo prolongada, de Lassalle, Marx escreveu a Engels:

"Este sujeito me roubou muito tempo. Ele supõe, certamente que eu "não tenho nada que fazer" uma vez que eu somente me ocupo da obra teórica. Crê, pois, que posso tranquillamente matar o meu tempo com ele.

Só ao morrer Lassalle, ambos se detém conta do que havia significado, este homem.

"Politicamente", Lassalle foi, sem dúvida, um dos homens mais importantes da Alemanha, declarou Engels.

"A desgraça de Lassalle, não abandona a minha mente.

Foi, pois, um da velha guarda, o inimigo dos nossos inimigos... Sinto que as nossas relações se tenham perdido ultimamente, se bem que por culpa dele."

A maior mania de um Marx a Bakunine.

Bakunine foi o socialista que mais profundamente havia percebido o valor da liberdade no mundo novo.

Com o vigor de um profeta havia previsto já sobre o berço do movimento alemão, a evolução fatal da Social-democracia alemã fiel ao Estado.

E na 1.ª Internacional adotou uma posição firme de oposição à todo princípio de autoridade.

Marx converteu-se em seu mais amargo perseguidor e inimigo.

Por todos os meios e vias combatia não só a ideologia de Bakunine, mas tratava ainda de conseguir, e o conseguiu mesmo, muitas vezes, aniquilá-lo moralmente como indivíduo e como revolucionário.

Nesta luta não vacilou nem mesmo ante a destruição da Internacional.

Para "limpar" a Internacional de "Bakunistas" Marx fez o possível para transferi-la aos Estados Unidos, onde sucumbiu.

Em todo movimento ideológico novo desempenha um papel de importância, não só o sistema teórico, mas também a personalidade do criador e organizador do movimento.

Também Marx, como indivíduo, imprimiu fortemente seu selo sobre a causa socialista.

Marx foi o grande teólogo mimagado por todo seu aspecto exterior, por sua vida austera, pelo zelo com que cuidava a sua doutrina contra o menor desvio.

Este homem, poderoso na ideia, educou os seus adeptos na glorificação do princípio de autoridade.

Assim se explica, um programa da classe trabalhadora socialista.

Conquistar o poder e conservá-lo, um programa também para cada socialista. Não extranha, pois, que os discípulos de Marx: um Plejanov, um Lênine, um Trotski, um Stalin, tenham gloriificado depois tanto o princípio de poder e não tenham conhecido escrúpulos morais na consecução dos seus fins.

Os seus filhos de poder, tiveram sempre tanto na doutrina como na vida de Marx.

De acordo com o princípio de predomínio, surgiram os partidos operários, multiplicando-se dia a dia, apareceram os sindicatos, organizados com aparato burocrático.

Do princípio de dominar e ser dominado, surgiu a cultura dos dirigentes, que em crescente progresso roubava às massas a sua individualidade, o seu pensar próprio, o senti e obrar dos indivíduos.

E quando os socialistas se elevaram durante os últimos anos até as possibilidades de ocupar posições de mando no Estado não sabiam que uso poderiam dar a este poder.

Os social-democratas de todos os países se agarraram às posições políticas, sem afirmar-se, sem aspirar sequer às posições directivas que se encontram no campo da economia e da força social.

Já de por si, o seu poder político, ficou imaginário. Ainda mais; se apoiaram simplesmente ao Estado, capitalista e sua economia, e sua política, ao seu patriotismo e nacionalismo terreno para esse.

Os bolchevistas, está claro, compreenderam perfeitamente o significado das posições do poder social e le entribocharam, de fato, na Rússia Soviética, em ambas as esferas: a política e da economia.

Convertiram, porém, o poder em instrumento de dominação ilimitada das massas proletárias.

Os operários e camponeses passaram novamente, na Rússia, aquela categoria de soldados da indústria, dos quais tanto falara, em tão ardente protesto o "Manifesto Comunista": "Como simples soldados de indústria, se colocam sob o manto de uma verdadeira dominação de oficiais e cabos".

Marx proclamava ainda que a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.

Entretanto, a primeira preocupação dos bolchevistas no poder foi subjugar a classe operária ao "Estado Proletário", depois, o Estado ao Partido Comunista; e, finalmente, o partido a uma casta de dirigentes bolchevistas.

Se entre os social-democratas o poder há sido imaginário, entre os bolchevistas se tornou czarista e antiproletário. O poder sem o controle acentuado da liberdade, é impossível para o mundo.

A conservação do poder se converteu, nas fileiras bolchevistas, em um fim autônomo.

Sacrificaram-se aos seus fins os interesses mais substanciais do socialismo.

Durante meses inteiros, se percebia na Alemanha por todos os sentidos como se aproximava o domínio do fascismo.

Se existia um meio de deter esta marcha sinistra, este só poderia ser a frente única dos partidos proletários alemães.

Se o tivesse desejado o Partido Comunista alemão, (quer dizer, o centro moscovita) esta frente única cara a cara com o inimigo, podia ser criada sem dificuldades.

Mas dentro do movimento bolchevista domina, principalmente, o princípio do poder; não podem admitir a ideia de que não "derijam", eles somente, as lutas proletárias.

Com isso se desapareceu a agitação proletária à unificação no momento de maior perigo para o proletariado alemão.

Só agora, consumada a catástrofe, quando o movimento já estava aniquilado pelo barbarismo hitlerista, a Internacional Comunista saiu com a "palavra de ordem" de se fazer a frente única para a "luta contra o fascismo".

Os interesses partidário-governamentais tinham atado as mãos bolchevistas para combater o fascismo quando avançava.

Os mesmos interesses do poder russo os levam agora a cometer ações que tem a virtude de tonificar o fascismo em todo mundo.

Que outro nome se poderá dar ao fuzilamento repentino, sem sentença judiciária, pela "Tcheka" de Moscovo, de trinta e cinco pessoas, funcionários dos Soviets?

Por interesses do poder político, cala-se um "governo soviético" quando nos cárceres alemães se torturam os comunistas que durante anos lutaram sob o protetorado da sua única "pátria", a Rússia Soviética.

Certamente, não existe hoje gente mais desamparada no mundo que os militantes alemães; estão abandonados tanto pelas suas massas como pelo país com o qual haviam ligado a sua vida de lutas.

S. N. STEINBERG

O governo federal, "num gesto heroico" e soberano, souhou que devia abolir a lei de imprensa, conhecida por "lei infame", a lei espantoso dos jornais e o papel dos tipógrafos. E com as cerimônias do caso, assinou mais um decreto e a lei caiu por terra.

Os fazeres dos grandes jornais bateram palmas e soltaram foguetes de regozijo. Antes tarde de que nunca, disseram. Mas ainda fica de fora as massas das mãos de tanto as bater em regozijo, e eis que surge o clamoroso caso da suspensão de "O Globo".

A lei de imprensa foi abolida mas o governo ficou de pé. E quem tem poderes para revogar umas, tem-as também para sancionar outras, e em falta destas, tanto aqui como na China, dispõe de força para aplicar medidas de auto-salvação.

É daí surgirem casos como o da suspensão temporária de "O Globo", no Rio de Janeiro, dias depois de abolida a lei de imprensa.

Os jornais de todas as cores e matizes, da imprensa burguesa, é claro, levantaram uma grita dos diabos. Eles que vivem beneficiando ao povo com "o princípio de autoridade", "da moralidade das leis e dos governos", da "necessidade do respeito à lei", etc., viram-se de um momento para outro ante um caso alarmante: havia fogo nas barbas do vizinho e trataram de pôr as suas de molho.

Para evitar esses "abusos do poder", e essas ameaças à liberdade e para que não se repitam fatos tão vergonhosos e tirânicos como o da suspensão de "O Globo", só de um momento se lembraram os nossos primitivos: a volta do país ao regime da lei, a constitucionalização imediata do país, para acabar com os poderes ditatoriais de que está investido o governo. Santa ingenuidade, ou refinada hipocrisia!

As consequências em nada renovaram o mundo das coisas.

E isso o demonstram os fatos: a lei de imprensa, ora abolida, foi sancionada num período legal e constitucional; mas não evitou que no país fosse feita uma revolução que deu por terra com o governo que a sancionou. Logo, o valor das leis é relativo é todo circunstancial. Com a vigência da lei infame, houve períodos de relativa liberdade de imprensa, oito dias depois de abolida, o governo aplicou sanção das mais violentas contidas na própria lei já revogada.

A questão não é, pois, de leis. A questão está nas instituições que fazem poderes e forças para se rirem das leis e dos homens.

O mal está no "princípio de governo" que é o "princípio de autoridade", e o remédio está no seu antídoto: a liberdade.

E o princípio de liberdade está estreitamente unido ao princípio de igualdade econômica e social dos homens. Conclusão: só será possível a liberdade quando forem abolidos os privilégios econômicos políticos e sociais que caracterizam a sociedade capitalista em todas as manifestações da vida que vivemos.

A arvore do mal

Atendendo à lembrança de alguns camaradas, mandamos imprimir alguns milhares de b letins com o clichê publicado em o no 54 de "A PLEBE".

Para a sua fácil divulgação, estabelecemos o preço de 3000 o cento; livre de porte, em selos do correio, e a 2000 o cento em nossa redação. Para regularizar a sua tiragem, os camaradas devem apossar os seus pedidos.

PROJETO DE BASES DE ACORDO PARA A FORMAÇÃO DE GRUPOS ANARQUISTAS

Pela "A Plebe" e "Grupo Terra Livre" foi editado e já largamente distribuído um impresso contendo sugestões para a formação de grupos libertários.

Os camaradas que por ventura não o tenham recebido, podem pedi-lo à nossa redação que será imediatamente atendida.

Festival de Confraternização Proletária

Para o dia 24 do corrente está sendo organizado o 2.º festival libertário no salão da Federação Operária de S. Paulo.

No próximo n.º de "A Plebe" daremos o programa que está sendo cuidadosamente organizado.



Problemas do Futuro

Enquanto as sombras "filosóficas" do não-sindicalismo se abrem para nos dizer que só encontram valor na organização dos trabalhadores, pelas "forças que o sindicato põe à sua disposição", (sic.) tirando a mais sólida afirmação à unidade das classes "proletárias", não nem mesmo as partidas políticas, tem o descomento de fazer essas afirmações, o movimento anarquista de todo mundo, integrado na obra do povo, como filho que das aspirações populares, procura neste momento crítico para a humanidade, esclarecer a missão do anarquismo na obra da revolução.

Praticadas as instituições burguesas, tidas todas os processos da economia política-social do capitalismo, percebendo-lhe a fim, os anarquistas se preocupam, agora, com as possibilidades do preparo das organizações, sobre o ponto de vista técnico e profissional, de forma a garantir a solidez da obra revolucionária, evitando que após a revolução as forças produtivas caíam nas mãos da burocracia, ou que, com a situação crítica do movimento revolucionário, não podendo a revolução atacar, novas formas de distribuição e consumo, se torne o ambiente propício ao advento de uma ditadura que inutilize todo o esforço feito no sentido revolucionário.

Se o proletariado estiver tecnicamente aparelhado para aferir, após a revolução, um organismo sólido capaz de substituir, na administração, no controle da produção e distribuição as organizações capitalistas, claro está que a revolução encontrará bases seguras para a reconstrução social.

Hoje já se possuem, no campo das doutrinas, obras de grande valor neste sentido.

A "Reconstrução Social" de Santillan, por exemplo, nos conduzirá a algumas conclusões neste campo das preocupações libertárias. As resoluções do congresso de Rosario, também, publicadas na revista "Nervio", nos conduzem a um conceito esclarecedor.

Não nos concedemos que seja desnecessária a organização de grupos anarquistas.

Do contrário: achamos que eles devem se multiplicar, mas para inserir-se na obra revolucionária, atuando, não como empecilho à organização sindical, mas ampliando-lhe a sua missão revolucionária.

Não justificamos a existência de organismos que apenas esperam "que o sindicato ponha forças à sua disposição", que vivem a combater-lo, que lutam contra ele.

Talvez se da obra coletiva, e as coletividades proletárias não podem estar encorajadas no conceito caudillesco dos camaradas que tem dos trabalhadores um conceito tão depreciativo.

Por esta razão reafirmamos: "Ao sindicato, que é a força viva do proletariado, que se compõe de produtores, está reservado o papel da distribuição, controle, produção e consumo, após a revolução social".

Os grupos anarquistas, organizados à margem dos sindicatos, tem a sua missão a cumprir, mas esta missão não pode, não se justifica, não deve ser a de desorganizar as forças proletárias, e sim coordenadora, se e tanto se quiser lutar, desta mesma força, que, pelas suas condições de trabalho não devem abandonar as suas posições na produção, mas transformar a produção em centro da coletividade, em benefício de todos e ao alcance de todos.

SOUZA PASSOS

SINDICALISMO E ANARQUISMO

Lendo no numero 52 desse periodico um artigo dessa redação intitulado "Em torno do Sindicalismo" ao qual entendemos fazer alguns reparos.

Os camaradas dizem no referido artigo discordarem de alguns conceitos sobre sindicalismo, aparecido nas Bases de acordo do "Comité de Relações dos Grupos Anarquistas. Quando iniciamos a leitura desse artigo julgamos que os camaradas procurassem elucidar-nos sobre alguns pontos que a comissão que elaborou estas bases deixasse passar por impossibilidade de melhor expressão e clareza.

Mas nem esta comissão, nem o plenário que as aprovou, acharam nada que precisasse ser modificado. Tudo o que nas referidas bases está escrito é a expressão sintética do pensamento dos componentes dos grupos anarquistas desta Capital. Que os camaradas discordem do nosso ponto de vista, podem fazê-lo; mas daí a impor-nos um programa, um método regido, pelo qual tenhamos que amoldar toda a nossa ação; dentro d qual a nossa personalidade, — que é toda a nossa razão de ser anarquista — tenha de desaparecer para dar lugar à imposição da maioria incoerente, que é a expressão das massas encasuladas por este ou por aquele, que das mesmas de saia tirar partido ou proveito pessoal: cuja expressão mais perfeita está simbolizada nos sindicatos, desta ou daquela tendência. Mas em vez de analisar os órgãos de relações que possam existir nas bases do Comité, os camaradas apresentam-nos um programa de organização, ditando-nos que é o programa do jornal. Que os camaradas sigam esta ou aquela direção é coisa que pouco nos importa; mas daí a procurar englobar a pluralidade de todas as concepções anarquistas no terreno sindical, e contraproducente e até prejudicial.

Dizem os camaradas, que o sindicato deve ser a base da sociedade futura, estando a ele reservado o papel de organismo de controle e distribuição da produção e do consumo. E a seguir dizem que o trabalho de organização sindicalista deve, pois, ser encarado pelos anarquistas como necessidade orgânica da fase construtiva da revolução, além do caráter defensivo e mesmo agressivo no terreno das lutas sindicais.

Pela lógica das coisas, não pode haver efeito sem causa. Sendo o sindicalismo uma consequência do regime capitalista depois de desaparecido este não existe motivo que justifique a sua existência de quê? Os camaradas dizem que o trabalhador se associa para resistir a exploração patronal. Aqui os camaradas demonstram que ao trabalhador o que menos o preocupa no sindicato é a sua emancipação. Também dizem que o trabalhador se associa como assalariado e não como adepto deste ou daquele credo religioso ou doutrina filosófica. Como os camaradas atrás deixam demonstrado com os trabalhadores entram no sindicato como assalariados e nada mais, é a demonstração mais cabal e eloquente da ineficácia do sindicalismo; que não tendo uma base filosófica e moral, não se pode bastar a si mesmo, tendo de se basear a sua existência e o seu conteúdo moral e filosófico e até religioso a qualquer uma das tendências que tendem a dirigir os destinos da humanidade.

PELO GRUPO ANARQUISTA ACCÃO LIBERTARIA A NEVES (Relator)

N. da R. — Publicamos o trabalho acima chamando a atenção de todos os camaradas e leitores de "A Plebe" para a leitura da nossa explicação do termo, passado — um esclarecimento — e para os mesmos anteriores, acompanhando a leitura dos trabalhos que tem aparecido nesta seção. O leitor com a sua observação, será a melhor testemunha de que fomos mal interpretados pelos camaradas do grupo Ação Libertaria.



A "nova" lei de Férias

O Estado capitalista burocrático brasileiro, chamado "República Nova", tem coisas muito interessantes. Entre elas há uma que é simplesmente a grande esmagadora da falência das leis "socialistas" ou "legislação do Trabalho", e... de todas as leis.

A lei de Férias que resuscitou com a "República Nova" e que todos sabem porque resuscitou. Essa foi aprovada pelo patronato diante da ação decisiva dos trabalhadores, que na sua quase totalidade, entraram em luta de ação direta.

Agora se verifica que estamos em face de uma nova modalidade de burlar a cidade lei. O "Ministerio do Trabalho", deu-se ao Trabalho... de reformar a lei. Naturalmente de acordo com a conveniência do patronato, mas acontece que só há a emenda que o sentido... porque o dispositivo legal das férias: as férias dos trabalhadores ou operários, que estejam trabalhando em qualquer empresa. — Ora isso tudo é para "despistar", pois em 1930 foram pagas as férias a todos os trabalhadores que agiram pelos ditames da ação direta; e isso sob a pretensão da mesma ameaça; agora, um exame das circunstâncias que rodeiam essa lei e isso de maneira sumaria:

O Ministerio do Trabalho, não tendo conseguido impor a "sua" "Sindicalização massal", o não ser a pequena maioria de trabalhadores, e que, com os últimos movimentos grevistas tirados vergonhosamente, pelas "camelãs" classistas em nome da "constituinte", não a prova inconfundível de que "representação de classe", "Ministerio do Trabalho", "Comissões Mistas" etc. são uma nulidade.

O Ministerio do Trabalho, tem um grande interesse em controlar e manobrar os trabalhadores, com as disfarçadas intenções killerianas, de impedir a "famação e não decantada carreira profissional", que além do elevadíssimo custo da massa, é um processo fascista-policial, de arrolhar os trabalhadores conscientes e que fielmente teve e continua a ter a mesma repulsa que a sindicalização oficial.

E continua a apressar o "Ministerio do Trabalho" que só terão direito as férias os trabalhadores que estiverem de cabeça preso ao seu capricho...

Mas temos certeza que os trabalhadores sabem conquistar as férias, e... alguma coisa mais, dispensando a "proteção Ministerial".

Os trabalhadores tem direito a férias, pois essa força terminou e as férias serão pagas, sem sindicalização oficial ou com sindicalização Revolucionaria, se os trabalhadores as conquistarem pela ação direta, única eficiente na luta contra a exploração capitalista Estatal.

VALDIVIA

Federação Operária de São Paulo

Esta entidade do proletariado paulista vai entrar em nova fase de luta contra as pretensões do Ministerio do Trabalho, que com o novo decreto da lei de férias criou uma situação de luta os operários conscientes que não se quiseram submeter ao capricho da Lei de sindicalização.

Os plenários ultimamente realizados dão uma prova de que a F. O. S. P. está cada vez mais enraizada na consciência dos trabalhadores, em vista do número de militantes que tem concorrido às reuniões por ela convocadas.

No sentido de coadunar o trabalho de organização, a F. O. S. P. incentivou a obra de correspondência com as associações proletárias do interior; esse trabalho tem tido grande repercussão, sendo de esperar que dentro em breve a sua irradiação tome proporções que muito irão contribuir para frustrar as tentativas fascistas do Ministerio do Trabalho.

O delegado e militantes que recebem convocação para os plenários, não devem faltar, porque a Federação, necessita agora, da atividade de todos os militantes.

Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares

(Filiado à F. O. S. P.)

O sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares, realizou uma assembleia geral da classe, no dia 19 do corrente, segunda-feira, às 8 horas da manhã.

ORDEM DO DIA:

- 1.º — Leitura da acta anterior,
2.º — Balanço de 1934 de Janeiro,
3.º — As 8 horas de trabalho.

União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas

(Filiado à F. O. S. P.)

A União do A. C. C. A. comunica a todos os trabalhadores do couro que continua a tratar dos assuntos referentes à Lei de Férias.

Os trabalhadores devem ser bem esclarecidos, e procurar saber porque o governo e o Departamento do Trabalho só concedeu as férias aos operários sindicalizados pelo Ministerio que até ao presente não tem feito senão complicar as questões entre os trabalhadores, e que há 4 anos vem ludibriando e mistificando as classes proletárias.

Esse novo decreto estabelece uma excepção odiosa, com o intuito de não permitir o sindicato livre dos trabalhadores, porque, a sindicalização livre constitui um empecilho às tentativas de fascistização que o M. do T. quer impor aos trabalhadores do Brasil.

A prova mais cabal de que temos razão, os trabalhadores que não aceitam o capricho do Ministerio, está nas manifestações dos trabalhadores, por se sindicalizarem, que, desiludidos e cansados de tapalhões desse aborto burocrático, se revoltam e entram em luta para a conquista das suas melhorias imediatas, pelos únicos métodos que

os trabalhadores tem, para conseguir com dignidade as suas reivindicações. Sobre o plano de reivindicações, que já foi elaborado na assembleia passada, foi aprovado um manifesto contendo as reivindicações a pleitear.

A Comissão Executiva

Liga Operária da Construção Civil

(Filiado à F. O. S. P.)

A Comissão Executiva desta organização revolucionária reuniu-se à amanhã domingo, com o Conselho Geral, às 9:30 horas, na sede social: Rua Quintino Bocaiuva, 80.

Sociedade União Operária

Rio Grande — R. G. S.

Possuindo do mais justo dever e reconhecimento, a diretoria da Sociedade União Operária que ora inicia sua gestão, vem pelo presente testemunhar sua gratidão à digna direção da "A Plebe", pela constante remessa desse conceituado jornal, que tanto vem contribuindo para o enriquecimento da mesa de leitura da biblioteca da sociedade.

Esperando a nova diretoria mereça as mesmas atenções, desde já agradece reconhecidamente, desejando, seja a ano que o ere, bastante prospero, na vida sobre do jornalismo, aproveita a oportunidade para reiterar os mais elevados protestos de estima e consideração.

"A PLEBE,, em Pernambuco

Depois da última nota que enviei desta cidade, tem havido alguns casos dignos de registro.

Os camaradas padeiros foram contemplados com o regime de 8 horas. Há entretanto alguns defeitos na execução desses horários. A distribuição de pão se faz somente às 8 horas da manhã, prejudicando a população trabalhadora que vai para o trabalho mais cedo e não pode comer pão fresco ao café, embora tenha mais direito a essa regalia do que a burguesia parasitaria.

Estiveram aqui de passagem os integralistas da caravana Gustavo Barroso. O êco desse acontecimento pode ser comparado ao ruído de um trovão à distância de dez mil quilômetros...

O governo do sr. Lima Cavalcanti acaba de publicar um decreto que estabelece um imposto de 100000 Re. per capita, para todo território pernambucano, cujo rendimento será aplicado no ensiapp.

A gente tem que pagar as despesas com a escola para depois nos fazermos engulir as hostias do ensino... religioso.

Os trabalhadores desta cidade estão se interessando muito por "A Plebe", que está fazendo boa obra de esclarecimento.

NOS ARRJAIS DA MIS- TIFICAÇÃO PROLE- TARIA

Um ilustre desconhecido, líder do proletariado; forjador da grande manifestação de fascismo ao general Valdomiro, quando governou; conhecido fascista "à la Mussolini", que faz parte da diretoria da facção Ação Nacional Escalada e conhecido, nas horas vagas, por "Sr. Magda Reja", achou que devia convocar uma reunião geral de todos os membros das associações por ele fundadas, que, pela conta do fabricante de carinhos deve belar ao melo cento.

A reunião teve lugar domingo último, no Palacio das Indústrias, o que os toros mal comodo, pois não precisam pagar aluguel de sede.

O nosso herói entusiasmonou-se, a principio, ao ver na sala mais de um cento de pessoas.

A's tantas, começou a pontificar na missa de mistificação proletária.

Mas... É o dia! Sempre aparece um max, que, no caso, esse era que nem todo o rebanho era composto de "ovelhas do senhor". Entre os presentes havia pessoas que nacionalavam, que pertenciam a mesa pontifical coisas muito inconvenientes.

Isso perturbou sumamente a placidez do maronito Rota, quanto aos seus pontos, o quanto a tanto por mês no departamento do trabalho... ah, não.

O sacerdote improvisado, hem como seus asséas viraram bichos. Sacaram a palavra a um popular, mas este continuou a falar com o aplauso da assembleia.

Vendo-se desautorados tentaram impor a sua "autoridade". Só falariam os pastores.

Com mais essa prepotencia dos senhores da mesa, o chibitvari aumentou e a reunião dissolveu-se, desmoralizada e sem deliberação coisa alguma.

Nós só podemos aplaudir aos trabalhadores que, como dessa vez, sabem sempre desmanchar os cartuchos e mistificadores, repellido a intromissão de pecadores de aguas turvas no seio do proletariado.

OS ACONTECIMENTOS DA RUA BARÃO DE PARA- NAPIACABA

Da seção do Partido Socialista de Bebedouro, recebemos a seguinte moção de protesto enviada à Assembleia Constituinte, a propósito da prisão do sr. Francisco Frola, por ocasião dos acontecimentos da R. Barão de Paraapacaba quando o conhecido conferencista e político do Partido Socialista fazia uma conferencia:

Publicamos-a sem mais comentarios, por ser um assunto cuja cronica já tem sido largamente debatida pelos jornais:

Os membros dos diretorios do Partido Socialista Brasileiro de S. Paulo, na seção de Bebedouro, da Leição Civica 5 de Julho e dos Sindicatos Operarios desta cidade da Alta Paulista, vem respectivamente requerer a V. Excia. Exm. Sr. Presidente, dignese fazer chegar ao conhecimento da illustre Assembleia Constituinte o protesto e o apelo que abaixo se segue:

PROTESTAM, com toda as veras de sua consciencia de revolucionarios que contribuíram com os seus esforços para a victoria da Aliança Liberal, em 1930, e consolidação do Governo Ditatorial, em 1932, contra a compressão da propaganda socialista levada a efeito, na colta Paulista do constitucionalismo governou do Sr. Armando de Sales Oliveira por fachadosos esbirros policiais que não trepidaram em 26 de janeiro impedir a realização de uma conferencia científica, na sede da U. T. G. pelo eminente liberal, brasileiro naturalizado, Sr. Francisco Frola, como antes não haviam trepidado em dissolver a patas de cavalo diversos comícios operários, como já deve estar no conhecimento dos que estão ao par desse triste atentado contra a liberdade de pensamento verificadas em S. Paulo, no governo dos paladinos da constituição a tóque, de caixa.

E APELAM para a consciencia liberal dessa grande Assembleia para que promova a soltura imediata dos socialistas que como Frola e outros pagam nos carceres constitucionalistas o feio crime de pugnam pelo advento de uma civilização humana em que os famintos e os oprimidos tenham pão, educação e trabalho, libertos da tirania atrofiante do nahabaco capitalismo e da desalmada plutocracia.

Bebedouro (São Paulo) — 1.º de Fevereiro de 1934. — Saúde e Fraternalidade. — (Seguem-se as assinaturas): Saúde e Fraternalidade.

Munições para "A PLEBE"

Precisamos regularizar a publicação semanal de "A PLEBE"

Lista no 176 — a cargo do Grupo da U. Talarico.

S. Paulo: Um operario, 55; Valério, 20; Gregorio, 10; Fontes, 20; Galves, 1500; Um sapateiro, 45; Fernandes, 30; Felipe, 30; Soares, 1500; e Gonçalves, 1500. Total — 24500.

Lista a cargo do camarada João Peres — S. Paulo — Peres, 35; Gime- nes, 18; Nima, 1500; Mineiro, 25; Garcia, 1500; Rosal, 1500; Um la- le, 15; Amor, 25; Jesus, 25; Galdino, 25; Trazi, 15; Ana, 15; Vitor, 15; Gonçalves, 35; Valero, 15; Martin, 55; Taboso, 15; Evaristo, 15; Megala, 15; Cobano, 55; P. Peres, 25; V. Salva- dor, 55; Taboso, 15; — Total, 43500.

Núcleos de contribuintes. Cartão n. 4 — Fronteira, 105; Fria, 105; Matias, 105; Borrego, 35; Bolde- rama, 35; Ramires, 35; Galan, 55; Cas- tanho, 35.

Cartão n. 7 a cargo da Festa, 25; (dois meses); cartão n. 1, Andreotti, 105; e Germinal, 105; Pedrinho, 25; cartão do Ermão, 35; cartão n. 3 — a car- go de Eugenio, 35; Total geral — 100000.

Lista n. 162 a cargo do camarada Biceraria, entre os manipuladores de pão — S. Paulo:

Eleuterio, V. Varella; E. Pinto, J. Augusto C. Alvarez, Mateus, E. Sil- va, J. P. Viana, C. Máximas, J. Fir- lito, G. Caldas, P. Fischer, A. Mar- tines, H. Sanchez, Natalino Rodrigues e Felipe Gil, dez mil reis cada um, e J. A. de Paula, 35. Total, 163000.

Lista n. 125 a cargo de E. A. Sar- gento — em Botindaba: P. Blasquez, 15; Taine, 15; A. Lopes, 15; J. Ber- nardo, 15; Garcia, 15; Santiago, 15; Mercedino, 15; M. Segura, assinatura, 05; Sapeiva, 15; Pálcoal, 15; Gi- abetti, 15; Mazarin, 15; Rimoldi, 15; Gomes, 15; Borges, 15; Zapata, 15; J. Gomes, 15; Grilo, 15; Aurelio, 25; G. Garcia, 15; Herero, 15; Villatoro, 15; A. Rubio, 15; A. Guilar, 15; e Carola, \$400; F. Santanella, 105; Peres Martins, 55 e Uccles, 105. Total, 558400. Menos despesa postal, 500000.

Contribuições de varias localidades — Rio de Janeiro: Um grupo de cama- radas cariocas saudando a s compa- nheiros de S. Paulo, contribuíram com 160000; Amparo, Sebastião, 55; Pi- racoia, Ferreira, visitando a redação, 105; D. Pedrito, Plastina, 35; Olim- pia, As-el, 55; Franca, Faccioli, 105. Alvorá, Castilho, 105. Total, 203000.

Assinaturas, contribuições e vendi- avia na redação:

Agular, 15; Berra, 25; Esgerio, 2000; Arco, 30; Grmois, 55; Ayro- so S. 105; P. Paula, 55; M. O. Meta- lurgico, 205; Doca, 45; Eleuterio, 55; Bolozzo, 35; Valero, — cartões do P. Miguel, 45000 — O. Civil, 45; um companheiro, 15; D' Angelo, 105; Va- da avia na rua e na redação, 128400 Total, 210000.

De Morfio: Peres, 55; Alves, 55; Silva, 105; Garcia, 55; Total — 265. Cartão de Goni, 45; Ferrandes, 35; Peroti, 55; Quimata, 35; Dambiak, 35; J. M. C. 15; Godes, 15; Kusma, 35; Farias, 2500; e A. Fernandes, 2500. Total, 300.

Paços de Caldas: Nozueira, 105; Miguel, 105; Pazzo, 105; Anonimo, 25; e Pardini, 55. Total, 37000.

RATIFICAÇÃO — Na nossa seção "Munições" do n. anterior, na parte referente a lista n. 170, a cargo do camarada Matias, onde se lê: Garcia, 205, leiamos 105. O total está certo.

ADVERTENCIA — Pedimos ao camarada Barronoso a esclarecer o caso da lista passada na Casa-Liada, vai já para 3 meses. Os camaradas superiores da mesma querem saber a quem foi entregue a quantia arrezada para "A Plebe".

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS

| | |
|--|---------|
| Lista da V. Talarico | 245000 |
| Lista a cargo do Peres | 435000 |
| Núcleo de Contribuintes | 1040000 |
| Lista n. 162, Eleuterio | 1630000 |
| Lista de Potindaba | 500000 |
| Contribuições de varias loca- lidades | 2030000 |
| Assinaturas e contribuições na redação | 2100000 |
| De Morfio | 250000 |
| De Curitiba | 300000 |
| De Paços de Caldas | 370000 |
| Total | 8920000 |

DESPESAS

| | |
|---|----------|
| Deficit do balançete anterior | 979000 |
| Seixas para expedição, Corres- pondencia e circulares | 608400 |
| Clichés do último numero e cabeçalho | 210000 |
| 100 envelopes | 30000 |
| 500 impressos | 180000 |
| Barbante | 20500 |
| Um carroto | 80000 |
| 1.000 | 70000 |
| Confecção e compilação do numero de hoje | 410000 |
| Total | 1:509800 |

CONFRONTO

| | |
|----------|----------|
| Despesas | 1:509800 |
| Entradas | 892000 |
| Deficit | 617800 |

Movimento grévista

Vitorioso o movimento de Niterói

Cançados de esperar as soluções dos seus problemas pelo falecido Ministerio do Trabalho, os trabalhadores brasileiros no proposito de não se deixar mais ludibriar pelas manobras patronais, lançaram-se a luta pela conquista das suas reivindicações, pela ação direta.

A greve dos ferroviarios ha pouco, em São Paulo, vieram juntar-se outros movimentos de protesto.

Em Catanduba, os chauffeurs se declararam em greve contra o aumento de impostos. Em luta com a policia, houve varios feridos.

Esse movimento, que se estendeu a Pindorama, Ibirá e outras localidades vizinhas teve grande repercussão.

Se ainda houvesse duvidas quanto à inutilidade dos fantechos que no Ministerio se movem ao puxar dos cordéis patronais, o movimento grévista dos operarios da Cantareira, em Niterói, seria bastante para fazer arredar os operarios mais desprevenidos.

Para que não se diga que somos partidarios, e que sempre encaramos as coisas com paixão, transcrevemos da imprensa burguesa o seguinte comentario sobre esse movimento, que constitui um dos mais belos movimentos de repulsa à intromissão dos politicos no movimento proletario:

Os grévistas acordaram em fazer a greve a revelia do seu sindicato, a fim de evitar que a solução de suas pretensões fosse entregue a celebre Comissão Mista de Conciliação, cujos processos não inspiram confiança aos proletarios.

RECUSA DO TRIBUNAL DE ARBITRAGEM

Consente do que queriam e do que pediam, sempre orientados pelo Comitê Secreto, não se deixaram ludibriar pelos costumeiros processos patronais.

Assim, rejeitaram o oferecimen- to dos "serviços do companheiro" Mario Sá Freire, o conciliador que não bons serviços tem prestado à classe patronal fugindo a negocia- ções por intermedio do Ministerio do trabalho.

Não aceitaram, tampouco, o Tri- bunal de Arbitragem que foi sugeri- do, certo de que a Cantareira pro- curava por esse meio proletoário des- truir a greve para depois nada lhes conceder.

Mantiveram-se firmes nas posi- ções conquistadas, e continuando a operação progressiva que envolveria os patrões.

Os plutocratas perceberam que seriam vencidos e trataram de ca- pitular com o empor prejuizoso: Ae sível.

Do "Avante!" de 6-2-34

Os jornais do Rio trouxeram-nos tambem notícias da greve na companhia costeira; outros movimentos como, por exemplo, o movimento de repulsa do proletariado sul-riograndense, que esta- ria disposto a devolver as respectivas car- tas de sindicalização ao Ministerio do Trabalho em vista de não haver este solucionado os seus mais insignificantes problemas, demonstram claramente que o proletariado brasileiro não está dis- posto a se deixar amordaçar fascista- mente.

Esse movimento tende a aumentar, porque, hoje como amanhã, aqui como em toda a parte, o Ministerio do Trabalho não resolverá nunca os proble- mas dos trabalhadores.

É uma dependencia da burguesia que só tem interesses ligados à burguesia, e os trabalhadores precisam conhecer que não é que está a força, recusando-se, em vez de colaborar e empregar força à burguesia, empolga-la contra ela, pela ação direta, não admitindo interme- diarios nos seus assuntos de classe.

Não é possível o fascismo na Espanha. Aquele povo rebelde, consciente e senhor dos seus destinos, não aceita os freios que lhe quer impôr o reacionarismo espanhol.

A PLEBE

S. PAULO 10 de Fevereiro de 1934

A miséria em que se afundam os trabalhadores do campo é produto da sociedade capitalista. Só com a transformação social de baixo para cima desaparecerão os males sociais.

A REVOLUÇÃO NA ESPANHA

NUM BANQUETE OFERECIDO AO CHEFE FASCISTA GIL ROBLES, OS GARÇONS RECUSARAM-SE A SERVIR A MESA

Acompanhando-se a leitura dos jornais diários através dos telegramas que se publicam da Espanha, não obstante a deturpação dos mesmos por parte das agências, podemos compreender até que ponto chega o grau de consciência do povo espanhol que, há pouco tempo, atendendo ao apelo da C. N. T. a potente organização dos trabalhadores de Espanha, se absteve completamente de votar, deixando o parlamento entregue à sua sorte, atitudão como está na podridão das suas consequências burguesas.

Chegam a assombrar as atitudes com que os trabalhadores na Espanha respondem às ameaças de reacção.

Os atos de sabotagem se multiplicaram e reproduzem.

Para se ter uma ideia do que é essa força de consciência basta ver os telegramas de quarta-feira última, no "Estado de São Paulo", nas suas notícias da Espanha.

O chefe do partido Agrário, o fascista Gil Robles, foi contemplado com um banquete pelos seus amigos.

Pois bem? Os garçons se recusaram a servir, forçando os amigos do sr. Gil Robles a procurar criados particulares.

Mas não é só isso!

O discurso do chefe fascista devia ser irradiado, mas os estragos produzidos no aparelho impediram a sua irradiação.

E isto que se faz na Espanha, após um movimento revolucionário de carácter anarquista orientado pela C. N. T. e pela F. A. I. que o governo conseguiu dominar materialmente, e não obstante os treze mil presos por questões sociais que enchem os presídios daquele país.

O mais interessante, porém, é que os próprios socialistas de U. G. T., que sempre traíram os movimentos do proletariado livre, premiados pela força de opinião que se irradiava das organizações anarquistas e sindicalistas, são arrastados a tomar posição nas lutas contra o poder que desmantelado, tal e qual estava a monarquia católica de Afonso XIII, chafurda na lama dos seus crimes praticados contra os trabalhadores.

Todas as vezes vemos notícias de Espanha que nos dão a certeza de que aquele povo não aceita freios de nenhuma espécie de tirania, nem mesmo da tirania republicana...

Está apto para realizar a obra da Revolução social de cujo advento se impacienta e para cuja realização produz três movimentos no prazo de um ano, o último dos quais pôs em cheque os poderes do Estado cuja repercussão em todo mundo causou assombro mesmo aos mais indiferentes aos problemas sociais.

Enquanto as cortes tomam caminho para as direitas reacionárias, em consequência da abstenção do povo nas eleições, valendo-se do elemento amorfo, o povo, nas barricadas, voltando as costas ao parlamento mistificador, conquista o direito de ser livre e impõe a toda a Espanha o dilema das grandes causas: Liberdade ou morte!

Os episódios do último movimento, que se podem ler mesmo na imprensa mercenária, nos dão o demonstração do valor, coragem e abnegação dos anarquistas, cujo espírito de sacrifício, audácia e firmeza de carácter os levava a atos de verdadeiro heroísmo revolucionário.

A morte ceifou a vida a muitos deles que, cercados pela guarda de assalto, a sua guarda composta de camponeses, intimidados a se renderem, responderam, saindo para fora, com uma simples pistola, a enfrenta-los face a face, deixando estragadas pelas metralhadoras reacionárias, mas dando exemplos admiráveis de abnegação e desprendimento.

Quando um povo é levado à insurreição por convicções e pela consciência que tem dos direitos que lhe assistem, torna-se indomável, não há mais tiranos capazes de lhes pôr o freio da prepotência.

Tentou fazer-lo Primo de Rivera e não conseguiu.

Como resposta e em consequência da tirania exercida pelo rei católico, cujo reinado está cheio de crimes nauseabundos dos outros japoneses, o povo espanhol, demonstrando esse grau de consciência, foi mesmo às urnas, não obstante a sua tendência contrária à mentira eleitoral.

Desiludido-se em breve, porque, estando as causas do mal na própria estrutura do Estado, o Estado republicano não podia ser diferente ao Estado monárquico.

As causas que geram as injustiças persistem, o caudilismo político continua, o parasitismo aumenta, a medida que mais se aperfeiçoam as instituições do Estado, a medida que o Estado se torna mais forte.

Consequência: O povo espanhol, desiludido da farsa republicana, tanto

como da tirania monárquica, saiu à rua de armas na mão, construiu barricadas para defender a unidade do fascismo que, nas urnas, abandonadas como tinham sido pelo povo, que retirou seu apoio ao governo, conquistavam as posições governamentais.

Não será demais repetirmos o que já dissemos, sobre Espanha, mais de uma vez: A vitória das direitas nas últimas eleições não constitui uma vitória, mais o triunfo absoluto, inegável, do povo, que não ocorreu nas urnas, que desprezou essa mistificação, que demonstrou dessa forma a sua consciência libertária.

Foi antes uma demonstração do fracasso completo do parlamento que ficou entregue a si mesmo, decompondo-se, apodrecido, inutil.

O fascismo, expressão das forças reacionárias do clero, taboa de salvação do edifício apodrecido do capitalismo, poderá tomar assento no parlamento, mas o povo, nas barricadas, lhe demonstrará, como sempre, que o conceito de liberdade na Espanha está cada vez mais vivo.

Na Espanha, não triunfará o fascismo, porque o fascismo é uma força da burguesia e a burguesia na Espanha exala os últimos aentos.

De Campo Grande-Mato Grosso

Nem um passo fóra da reta...

Não há maior obstáculo à vida e ao progresso de uma nação, de uma colectividade ou de uma família que o poder que desmantelado, tal e qual estava a monarquia católica de Afonso XIII, chafurda na lama dos seus crimes praticados contra os trabalhadores.

Estas considerações filosóficas, que muito imperfeitamente passo para o papel, tive-as ao saber de mais uma dessas rusgas que, por infelicidade, habitualmente se ferem na classe proletária, e que são a causa primordial do desprezo que lhe votam os adversários.

Com efeito, porque uns se dizem partidários desta e outros daquela ideologia, é isso o bastante para que não se unam e se guerreiem parvamente em todas as horas, e lugares que lhe ofereçam oportunidade!

E digo que essas guerras são parvas porque de todas as ideologias proletárias existentes só há uma verdade, só uma necessidade resalta e brilha como o sol em céu sem nuvens: — a Igualdade económica entre os cidadãos, e a fraternidade entre os séres.

Ora, se é fato que o operariado precisa a todo custo acabar com o capitalismo, com o militarismo e com o clericalismo, para não mais sentir fome, não mais ter falta de paz, e não mais trazer o espírito embruteado pelas patrulhas e intrigas do idólatra e politeísta Vaticano, não é menos real que para ele levar a efeito essa justa aspiração (que representa a sua felicidade), terá que fazer prodígios de solidariedade e de perseverança.

Como se compreende, então, que hajam divergências dentro das fileiras proletárias? Não dá isso, porventura, motivo para risadas de mofa e de ceticismo entre os próprios componentes da classe, dando margem a que os inimigos dos operários os manobrem em proveito seu (dêles, inimigos dos operários)?

Já é tempo, porém, de acabar com essas incongruências; e por isso e visto que o alvo a atingir é um só, eu faço um apêlo aos verdadeiros líderes das diversas correntes proletárias, no sentido de, ou por meio de um congresso ou por meio de correspondência entre si, combinarem uma única maneira de acção em prol do ideal comum, devendo ser considerado como elemento ao serviço da burguesia todo aquele que tenta pregar ideologias políticas de qualquer natureza, que só servem para desviar da rota certa os operários menos avisados, e retardar o alcance do fim que se almeja.

Que a palavra de ordem seja somente esta: NEM UM PASSO FORA DA RETA!

ALFREDO D. FERNANDES

Centro de Cultura Social

Sede: Rua Quintino Bocayuva n. 89, sobrado Reunião cultural

Previdido por esta associação cultural que não oferece benefício tem tratado aos estudantes da questão e, especialmente ao proletariado, hoje às 20 h 2 horas, no amplo salão social, haverá mais uma noite de cultura.

Será debatido em "tese" o seguinte tema:

O SINDICATO COMO ORGÃO DA REVOLUÇÃO. ASSUNTO DE CALPITANTE ATUALIDADE SOBRE O MOVIMENTO SOCIAL.

Tomará parte diversos oradores, das diversas correntes político-sociais.

São convidados os estudiosos e especialmente o proletariado a esta interessante reunião.

A entrada é franca.

Noticias de Anapolis-Golês

O Representante do clero aqui continua do pulpito, junto a seus ídolos de barro, a fazer longos sermões ao fim de que não leiam "A Plebe", que é inimiga do Senhor, enviada especial do Diabo, para levar a discordia entre as santas famílias, e operários da cidade: Ninguém o ouve, porém, e "A Plebe" tem sido sempre lida com grande satisfação por todos aqueles que sentem a necessidade da queda das muralhas que nos asfixiam.

Com a divulgação intensa que fizemos de cerca de 1000 manifestos, os quais distribuímos em todos os meios, nos campos, fazendas, vilas e cidades, estamos recebendo aplausos de centenas de trabalhadores. Também os religiosos de todos os matizes não nos tem poupado. Agora os pastores protestantes resolveram com suas Bíblias, fazer campanha contra "A Plebe" e os anarquistas.

Diversos operários que em virtude de suas leituras estavam se interessando pelo regime bolchevista, reconhecendo a superioridade do ideal libertário resolveram cerrar fileiras ao nosso lado, abandonando de vez a ideia absurda de serem dirigidos por um Estado capitalista e burguês, com patria, exercito, leis e outros espantinhos.

O tirano que governa este Estado iniciou as sanções judiciais para a cobrança dos impostos devidos ao Estado, entre os quais o celebre e draconiano imposto territorial. Aqueles que possuem miseráveis choças de capim e uma nega de terra, são obrigados a contribuir no mínimo com 150\$ anuais.

Os muitos pobres, residentes no mato, analfabetos, dêses que nunca veem a cidade, ignorando a existencia de tal tributo (ainda que soubessem não poderiam pagar) são de subito visitados pelos meirinhos que os intimam ao pagamento dentro de 24 horas ou entrega dos bens, a penhora. É facil de se imaginar a aflicção dos pobres caboclos e famílias... Entre choças e lagrimas da esposa, crianças e velhos pais, são forçados a se desfazerem das vaquinhas, engonhos e monjolos, cavalos, tudo que possuem vendem para satisfazer as exigências do governo. Alguns vendem até os trastes de casa, e no fim o dinheiro apurado não dá nem para pagar as custas judiciais. Cada meirinho ganha 10\$ por cada legua que viaja em procura do devedor... É esta a situação dos trabalhadores dos matos sertanejos. É de partir o coração assistir-se ao desfile dos infelizes camponeses maltrapilhos, rompas e chapéus em malambo, descalços mãos feridas de tanto lutar de sol a sol opilados e doentes, a marcharem com os ultimos haveres para satisfazerem as exigências de um governo tirano. E dizer-se que ha um Deus humilde, um deus que tudo pode e pai de todos...

Está marcada, para este mês a fundação nesta cidade de um núcleo libertário. Já contamos com a adesão firme de cerca de trinta camaradas. É a primeira associação verdadeiramente operaria que se irá fundar no Estado de Goiás, e na qual não se admittirá a intromissão de padres ou de individuos politiceiros, como acontece com as 2 ou tres outras existentes no Estado. Vamos nos unir para a qualquer momento poderemos sair a campo. Somos dos que preferem a morte a ter de aceitar certos grilhões que roubam todo o prazer a que temos direito durante a nossa curta existencia.

O INFERNO PROLETARIO

COMO SAO EXPLORADOS OS OPERARIOS NA FABRICA DE TECIDOS SAO PEDRO, EM ITU

Quando erguemos nossa voz pelo proletariado contra as manobras fascistas do Ministerio do Trabalho, fazamos-o por convicções adquiridas na observação diaria dos fatos, no estudo dos problemas sociais e na experiencia no passado.

Os homens de gabinete, afastados do convívio das massas produtoras, em contacto permanente com os exploradores do trabalho, não podem não saber nem quem resolve os problemas dos explorados.

A criação de ministerios de trabalho implica no aumento dos torques burocraticos que apertam a vida dos trabalhadores e que só estes tem que sustentar e manter com todas as despesas superfluas e desnecessarias.

Sómente das costas de quem produz são o numerario para manter na ociosidade as escriturarias namoradeiras que matam seus olhos na corredores dos departamentos officiais flirtando com os "colegas" de officio.

Da miséria do povo se arrancam as grossas quantias que se desretam na manutenção do aparelho burocrático desse Ministerio, cujo fim especifico é estrangular todas as tentativas de protesto e de revolta, obrigando os trabalhadores a calar os seus sofrimentos e a curtir as suas misérias em beneficio do patronato.

De uma troca de correspondencia entre o "presidente" do Sindicato dos operarios Textis, de Itu, e o Departamento Estadual do Trabalho resultou o flagrante dispatete, a demonstração mais cabal da inutilidade dessa repartição, verdadeiro peso morto a sobrecarregar as costas dos trabalhadores, criação fascista da Revolução de 30.

Em Novembro do ano p. p., um grupo de operarios da Fabrica de Tecidos São Pedro, em Itu, organizaram o seu sindicato de classe, de "acôrdo com a lei".

O primeiro trabalho da directoria desse sindicato foi derramar choradeira em paginas nuasissas de avantajados officios a repartição que tem a seu cargo mistificar os trabalhadores, por conta e risco do famoso ministerio onde um ex-delegado policial faz de protetor dos interesses proletarios.

As respostas, como sempre, tinham um sabor todo procratinizador, deixando sempre no ar, por resolver qualquer coisa e prometendo fazer-lo em breve, verdadeiro trabalho de mistificação, de "tapeação", como diz pitorescamente o linguajar do povo.

Diante disso, em meados de Dezembro, os operarios da fabrica São Pedro foram à greve, impedidos pela necessidade e desiludidos da acção governamental.

Perderam-na. A reacção burguesa dispõe de muitas forças para sufocar os gestos de "rebelião" dos escravos das fabricas, onde a consciencia se deprime, onde o mal estar avilta, onde a miséria aniquila.

Se já era penosa a situação daqueles escravos brancos, dai por diante piorou. Nada conseguiram das reivindicações justas que pleiteavam.

Dam's a seguir as informações divulgadas pelo sindicato sobre a situação economica dos trabalhadores da Fabrica S. Pedro:

SALARIOS
Teccelagem: — Não ha plano de \$100 ao metro, o maximo é de \$075 ao metro. Não ha salario maior de 95\$000 mensais, sendo que o operário

Pelo Norte Rebelde

Recebemos de amigos do norte este boletim que tem sido profusamente distribuido em varias cidades:

AOS HOMENS LIVRES
Um perigo espantoso ameaça a civilização moderna.

As forças do passado congregam-se e preparam-se para o assalto às instituições liberais, sem as quais não poderiamos viver.

As hordas fascistas avançam e querem aniquilar os nossos direitos.

Não mais eleições, dizem eles; não mais o sagrado direito do voto.

No regime fascista ou integralista o Brasil será uma imensa senzala dirigida pelo açoite dos CHEFES E CHEFETES de camisa-oliva.

Para quem não se submete, o CACETE ou a BALAI!

É preciso reagir enquanto é tempo! A luta, todos os que não quiserem voltar ao regime do TRONCO e do BACALHAU!

Em nome da liberdade ameaçada e do direito viliplendido,
A LUTA!
Liga Anti-fascista

rio trabalha normalmente com 2 teares, até com 4 teares, Reine a desorganização, havendo falta de material, o que prejudica os operarios.

Façor: — Máximo \$450 por hora. Mínimo (menores) é \$200, quer para trabalho diurno, quer para trabalho noturno.

Porturaria: — O maximo é de \$300 por hora.

Carpenteria: — O encarregado percebe no maximo \$700 por hora. Os operarios qualificados percebem de \$300 a \$650 no maximo.

Sala de plano: — minimo \$400 — maximo \$600.

Mecânicos, torneiros, cadeiros: — O respectivo encarregado percebe \$850 em 10 horas de trabalho. Os officiais ganham de \$4000 a \$5000 por 10 horas.

Urdeira: — O maximo é de \$900. Engomador: — O encarregado ganha o maximo de \$700 por hora.

Eletricista: — \$600 por hora. Horário: A fabrica S. Pedro trabalha dia e noite.

Posse 3 turnos que se revezam.

A 1ª turma ingressa ao serviço às 6 horas para terminar às 14 horas; a 2ª sucede-lhe e trabalha até 22 horas; a 3ª movimento-se desde as 22 horas até às 6 horas da manhã. Além destas tres turnos, ha outra que trabalha dez horas, e cujo horario é o seguinte: 6 horas da manhã às 11 horas — 12,30 às 17,30.

Note-se que a turma de 8 horas trabalha ininterruptamente, obrigando os operarios a almoçarem em movimento, de mistura com o pó do algodão.

Assistencia medica: — A assistencia medica é deficientissima.

A fabrica não possui ambulatórios, nem aparelhamento para atender a casos de urgencia. O que existe é a pessoa do medico que atende no consultorio e nem sempre aos chamados dos operarios. Mas assistencia propriamente dita, baseada nos moldes modernos, não existe.

Casas operarias: — As habitações qua a fabrica construiu, são um presente de grego para os operarios. Possuem 4 a 5 comodos. Não são forradas, nem assoalhadas. O seu aluguel é de 40\$000. Agua, com irregularidade.

— Não possui armazem de emergencia nem cooperativa. Fornece ordens para retirar mercadorias de determinados armazens. Essas ordens são uma forma de exploração, pois sobre elas ganham uma porcentagem os interessados.

Pagamentos: — O pagamento dos salarios é realizado no dia 17 a 20, proximo ao vencimento de dois meses de trabalho o que é extremamente prejudicial aos operarios. Os "envelopes" de pagamento na sua grande maioria discriminam o rendimento e as horas de trabalho.

Quando diso quiser certificar-se poderá comparecer durante a proxima semana, das 13 às 15 horas, à sede do Sindicato à Rua dos Andradas, 103 para o examinar.

Acreditamos que não será preciso perguntar aos trabalhadores se ainda devem esperar algum beneficio do famigerado Ministerio do Trabalho.

Se diante de uma situação como aquela em que se achavam os trabalhadores daquele fendo ituano, situação de verdadeiro escravagismo, não conseguiu o Ministerio resolver a pendencia de forma a minorar a sorte dos infelizes que ali trabalham, que podem os trabalhadores esperar do famoso Ministerio fascista?

Não! Não, trabalhadores! Só ha um caminho a seguir: a não cooperação com as instituições governamentais, a não colaboração com os ministerios que são criados pela burguesia, o desinteresse absoluto por parte dos trabalhadores para com as coisas do Estado, porque o Estado é um aparelho de compressão, tanto mais violento quanto mais forte, e só tem como base de existencia garantir aos patrões o direito de explorarem os operarios.

Isso aqui, na china, na India, no Japão ou na Suecia, em toda a parte, sob todas as formas.

Governo quer dizer tirania. A tirania exercida pelos ricos contra os pobres, ou, como no Estado bolchevista, a tirania exercida contra os trabalhadores pela enorme burocracia de um partido senhor absoluto das liberdades de cada um.

As instituições burocraticas do fascismo, do bolchevismo ou das Republicas liberais da burguesia, devem ser substituidas pelos Municipios Livres, organismos de controle e de produção dos trabalhadores, sob as bases federativas do sindicalismo revolucionario.